



As nossas estâncias de repouso e turismo — Sintra: O Palácio da Pena

# ALMA NOVA

ESTA REVISTA NÃO TEM FINS COMERCIAIS, VIVE APENAS DA DEDICAÇÃO DOS SEUS AMIGOS E COLABORADORES, NO INTUITO DE FOMENTAR E BEM ENVIAR TODAS AS MEDIDAS QUE CONTRIBUAM PARA O ENALTECIMENTO PÁTRIO, A ARTE E AS LETRAS. QUAISQUER AUXÍLIOS, COM AS RECEITAS DAS ASSINATURAS, SÃO DESTINADOS, EXCLUSIVAMENTE, À SUA MELHORIA : : : : E EXPANSÃO : : : : :



DIRECCION E EDITOR  
**MATEUS MORENO**  
Direcção: Calçada João de R. 6-1.  
LISBOA

Assin.: Anu (12 n.ºs) 1000; Colónias, 1250  
Estrangeiro, 1800 (25 frs.) Arábia, 1400

REDACTORES EFLITIVOS

DR. EMÍLIO SAGUIERO, DR. ILÉS D'OLIVEIRA GUIMARÃES, DR. M. GOMES DOS SANTOS E REBELO DE BETTENCOURT.

Propriedade da Cooperativa Editora  
«RESSURGIMENTO» — Lisboa.

Composição e impressão — Tipografia Minerva  
VILA-NOVA-DE-FAMALICÃO

## PELO RESSURGIMENTO NACIONAL

# A O S N O V O S

Palavras proferidas na sessão solene do Orfeão Académico de Lisboa, na noite 22 de Março, pelo presidente da sua Direcção e nosso querido redactor Dr. M. Gomes dos Santos.

### (CONCLUSÃO)

A nossa atitude não significa a expressão tumultuária de espíritos dissolventes, indisciplinados, antes ela exprime o ardente desejo da nossa alma, confrangida pelo desolador aspecto de muitos novos que vão envelhecendo precocemente, à mingua de ideal, de vontade excitadora. O que nós sinceramente desejamos é que se abandone o ócio, a indiferença sistemática, o pessimismo demolidor, a maledicência e o derrotismo, que nada de honroso exprimem, para que todos os esforços unificados, tentem, com probabilidades de êxito, efectuar uma aspiração colectiva. É principalmente no sentido de solidariedade que devem convergir os melhores esforços da geração nova. E assim, procuramos ser adeptos fervorosos, verdadeiros sacerdotes da Causa da Pátria. Tanto sangue generoso de portugueses, tamanho esforço, inteligência, dedicação, audácia, heroísmo, não foram necessários para nos construímos em nacionalidade, para ascendermos aos píncaros da glória, da fama universal, descobrindo, desbravando e colonizando territórios imensos que constituíram — e ainda constituem — o nosso vasto império colonial!

Portugal tem ainda a cumprir um nobre destino, uma alta missão civilizadora. Tantos milhões de portugueses, os da Metrópole, os dos territórios coloniais, os das colónias portuguesas do Brasil, da América do Norte, da Califórnia, das Ilhas Sandwich, do Oriente, de todos os recantos da terra, tornam o vastíssimo Império Português, a que é necessário imprimir um novo sentido: o da solidariedade rácica.

Eramos pequenos, eramos pobres, e deslumbrámos o Mundo com as nossas façanhas. Ainda, na época presente, afirmámos o nosso heroísmo durante a Grande Guerra nos campos de França e nas plagas de África, e patenteámos o valor do nosso estro, nos feitos gloriosos da Aviação Portuguesa.

Sempre que a consciência nacional se agita, vibrando em

unisono, de simpatia por um ideal nobilíssimo, não há resistências que se não vençam, obstáculos que se não transponham. O que verdadeiramente falta em Portugal é a confiança que devemos depositar nas virtudes próprias e um entendimento sincero entre todos os Portugueses. E, portanto, necessário que a fé milagrosa dos nossos antepassados, a fé em nós próprios, a fé nos altos destinos do País, essa vitoriosa fé que revolve o Mundo e transforma as sociedades, se avigore cada vez mais nas nossas almas, e, sobretudo, na alma da mocidade, para que, irmanados todos neste sublime ideal de Ressurgimento, formemos uma legião audaz, de caracteres valorosos, prontos sempre a praticar o bem, a reprimir qualquer agravo à nossa dignidade ou à integridade da Nação, espalhando em nossa volta a alegria de viver, a confiança, a lealdade, a dedicação patriótica.

Seja este o nosso juramento sagrado, feito solenemente perante V. Ex.<sup>as</sup>.

E que as virtuosas Mulheres de Portugal — mães ou irmãs, esposas ou noivas, que em todas as emergências graves para a nacionalidade, não deixaram nunca de fazer os sacrificios mais austeros, que elas nos inspirem o cântico de todos os entusiasmos, de todas as maravilhas, de todas as virtudes, de todos os heroísmos, em favor do ideal sacratíssimo da Pátria, elevando-nos o espírito e o coração para as regiões da suprema Beleza, da suprema Bondade, da suprema Harmonia, do supremo Amor, — dum amor cada vez mais intenso a Portugal, a esta abençoada terra de Santa Maria, a este País de verdadeiro encantamento, que os estudantes desejam glorificar, ao Portugal das Conquistas, ao Portugal das Caravelas, ao Portugal da Epopéia, aos Heróis e aos Santos, aos Sábios e aos Poetas, a todos os apóstolos da Religião do Patriotismo: Um hino de esperança! Uma prece fervorosa! Uma alvorada triunfal!

### FEDERAÇÃO DOS GRÊMIOS REGIONAIS PORTUGUESES



TENENTE MATEUS MORENO

Director da «Alma Nova» e delegado da Junta Geral do Distrito de Faro à Comissão Organizadora da P. G. R. P.

M. GOMES DOS SANTOS.

À MARGEM  
:: DOS ::  
: FACTOS :

# CRÓNICA

: Por Mateus Moreno :



Dos Estados- Unidos, da sua política externa, do seu comércio e... a Moda.

**D**O querido amigo e velho cooperador desta revista, sr. dr. J. M. de Bettencourt Ferreira, Cônsul de Portugal em Boston, para quem o título de ilustre não é um mero termo jornalístico, acabo de receber uma extensa e, na verdade, curiosa carta, de que não quero roubar aos meus leitores o prazer dalguns saborosos passos. Ei-los, pois:

«Meu prezado Amigo: ... aqui venho também dizer-lhe um pouco de mim, dar notícias, ou do que em minha volta se passa, sem repetir os jornais e revistas, e antes comentando com a possível imparcialidade os casos que êles agitam. Sinto, contudo, estar pouco ao par justamente do que mais interessa ao meu amigo, isto é, essa literatura toda que aí vejo nas estantes dos livreiros...

Aqui publica-se tanta coisa sobre o que me interessa a mim em especial, que só para me conservar ao corrente destas questões arranjo tempo, e contra os meus desejos, além dos assuntos da especialidade, apenas consigo ler alguma narrativa de viagem, ou coisa assim, como aquela que acaba de publicar o americano Martin Johnson, sobre os leões da África Oriental Inglesa.

Este homem, e a mulher dêle, são das pessoas mais extraordinárias que tenho visto, — porque realmente os vi, num espectáculo que aqui deram — gente que há dezoito anos viaja pelas regiões mais selvagens do Glóbo, para estudar os povos e os animais, nos seus usos e costumes, recolhendo pela fotografia e pela cinematografia os aspectos da sua existência mais interessantes para nós.

Ultimamente as suas atenções têm convergido para a África Equatorial, colhendo ali apontamentos de veras curiosos e fotografando sobretudo os animais ferozes, em circunstâncias em que êles ainda não haviam sido fotografados. E' que em geral os exploradores não se têm aproximado dos animais senão para os matar, ou apanhar vivos! O Johnson e a mulher foram à Uganda especialmente para surpreender pela cinematografia essa vida animal que vai desaparecendo depressa — diante da Civilização.

São inúmeros os clichés da autoria do americano de que falo feitos a distâncias incredivelmente curtas, mas os mais interessantes e instructivos encontram-se decerto na fita que êle fez o outro dia passar aqui em Boston, sob o patrocínio do Museu Americano de História Natural. Com certeza fatigaria o meu amigo se continuasse a falar dêste assunto, dêle tendo falado porque me saltou do bico da pena — neste caso do bico da máquina de escrever!

Não são os assuntos ou acontecimentos que faltam para comentar neste país, e de resto creio que em toda a parte, desde que conservemos um interesse por tudo quanto é humano, ou por tudo quanto importa realmente conhecer. Por lêrem por esta cartilha é que aqui todos desenvolvem uma actividade prodigiosa, uma actividade cujos resultados estão bem patentes, e que está colocando os Estados- Unidos « número um » em todos os campos.

Já lá vai o tempo em que menos interessava o que se fazia nos Estados- Unidos. Hoje todas as atenções se voltam para êste lado, e o que acontece no resto do Mundo interessa aos americanos. O facto do presidente Hoover ter começado os seus trabalhos, ainda antes de tomar posse, por uma viagem de estudo à América do Sul, é indicação segura da política externa que êle pretende seguir, de estreitamento de relações.

Não há dúvida que actualmente os Estados- Unidos não se contentam com desenvolver as suas fontes de riqueza até o ponto de se bastarem a si mesmos. Querem desenvolvê-las até onde a sua exploração pode ir, assim vendo-se obrigados a organizar o seu comércio de exportação em grande, com marinha própria e tudo, e a reconhecer que a inter-dependência económica das nações não é uma frase vã dos estudiosos. E realmente só a concorrência bem sucedida nos mercados externos lhes pode permitir sem perigo o aumento das importações, e os faz atingir sob o ponto de vista comercial verdadeira prosperidade.

E' claro que esta prosperidade dos Estados- Unidos tem sido feita e continuará a fazer-se à custa da velha Europa, sobretudo dos países que não têm sabido ou podido acompanhar o passo acelerado da vida moderna. Para acompanhar esta, são necessárias — as pernas do Velasco, que nós vemos agora no passeio ocidental do Rossio, e quando subimos o Chiado, já vêm de volta, do largo das Duas Igrejas.

Meu bom amigo, creio que já lhe tomei tempo demais. Aqui a primavera está fazendo a sua tardia aparição, e as senhoras discutem com os costureiros se, de acôrdo com as imposições de Paris, — sempre a tirânica França! — hão-de ou não mostrar menos um pedaço de perna. Deus queira que não, para consôlo dos sentidos, da vista pelo menos...

J. M. de Bettencourt Ferreira.»

## Novidades literárias:

Acuso a recepção dos seguintes livros, de que brevemente me occuparei: *Manual da Língua Portuguesa*, pelo dr. José Guerreiro Marta; *Amanhã...*, romance de Paulo de Brito Aranha; *África Misteriosa*, de Julião Quintilha; *Cancioneiro de Viana-do-Castelo* e *Cartas às Madrihas de Guerra*, pelo ten. Alonso do Paço, e *A Beira*, «plaquette» de Luis Claves.



# ANDALUZIA



POR JOSÉ DIAS SANCHO

(Póstumo)



QUANDO apontei a Espanha, a meio do Guadiana azul, ainda não estava refeito da actividade engenhosa a que me forçaram os consideráveis entraves da saída que é de uso calamitosamente levantarem agora os senhores da emigração e do fisco na pomaluna vila de Santo António. O velho lobo do mar que dirige o gasolina admirava-se até da maneira gentil como ali fui tratado, pois o próprio dinheiro da bolsa tem o viajero que mostra-lo aos olhos arguciosos da Guarda Fiscal, que zela assim pelo restabelecimento do equilíbrio na balança dos câmbios... Vá lá que as dificuldades que apressadamente resolvi num quarto de hora, as não resolveram outros em dois dias, e quanto às pesetas, — em verdade o digo! — não lhes tocaram mãos profanas nem olhos inquietadores!

O mesmo não succedeu à gente de bordo, que foi revista com minúcias indiscutíveis... Mas, enfim!, apesar de tudo, aportavamos já nesse luminoso meio-dia de verão de San-Martinho, a terras coloridas de Espanha, entre barcos à vela e navios de grande tonelagem (cujo tráfego é a boa esperança do porto de Vala Real, agora organizado em Junta Autónoma), levando na alma uma forte sede de paisagem andaluza e no estômago uma fome maior de almoço substancial! Quando atraquei ao cais de Ayamonte, o digno fiscal da aduana comia pacificamente a sua refeição de peixe. Teve um gesto de contrariedade diante das malas abertas, esboçou um grunhido de mastodonte incomodado, limpou com um guardanapo encardido os beiços escorrentes de azeite, e, caindo num silêncio inquietador, correu pensativamente a mão pelo farto bigode, dando-se a mirar de soslaio o amontoado de roupas... Depois, calçando com vagares dignos as luvas de linha branca nas manípulas feias, curvou-se a custo, aos impios, e, com uma delicadeza de gigante, mergulhou entre as camisas e os piugos as mãos inteligentes que naquela hora solene eu nitidamente senti consultarem as preciosas e sacrossantas mãos da Lei... Quando aquela cariátide do edificio político de Espanha se ergueu imponente, no estêdo de quem levanta sobre os ombros a escultura salerosa da Pátria, sosegada a sua fome de delicto diante da branca paz das minhas intenções, tranqüilla a sua majestade de cerbéro em face da certeza clara das minhas roupas interiores e da minha identidade que em nada assustava a tranqüillidade do reino, eu, transpirando, suspirei de puro alívio, dando apressadamente volta às chaves, um pouco perturbado, todavia, sob o insistente poder magnético daquela pupila severa, tolhido, enleado, pelo glacial mutismo esmagador.

— *Gracias!* — gemi, entregando a bagagem a um moço de fretes.

— *Buenas, caballero!* — disse-me a majestosa autoridade com um leve acenar de dedos, fazendo soar alto o seu vozeirão de tragédia.

E mal me apantou de costas (tal era a fome), descalçou as luvas a correr, puxou a cadeira num ruído imponente, e afitou-se com gula ao peixe empapado de azeite, aos *murtones*, às *aceitunas*, às *las tapas* com picantes, desrolhando com volúpia a garrafa de vinho, onde reluzia uma pinga de Bilbao. Apenas num gesto de enfado, como quem rilha os ossos do officio, deixava aperceber este soliloquio ibérico:

— Não me deixam petiscar o almocinho! Viajar!... Forjes bestas! Que lhes presie!

Este dragão da aduana, afinal, não era mais do que um estômago...

Ayamonte é uma terra incolor onde as andaluzas nos miram sem donaire e o comerciante pilha o que pode ao português. Povoação de contrabandistas, a moral das transacções assemelha-se imenso à do nosso país, depois da guerra, para pior. Vulgarmente vendem-nos por dez o que noutra parte custa cinco...

Obtive a confissão dum lojista ayamontino, falando-lhe, é claro, na pouca lisura dos seus colegas, e mais tarde, em Huelva, Sevilla e Córdoba, tive ocasião de verificar, por experiência própria, a veracidade do relato. No entanto, em comodidades e vida urbana, esta terreola andaluza, orgu-

lhosa do asfalto da sua *Calle Real* e do seu *Paseo de Tetuan*, é incontestavelmente superior à Vila de Pombal.

Atravesso Ayamonte com a pressa de quem morre de apetite e busca refeição: de quem tem muitas léguas a correr, combôto a alcançar, e demanda, açodado, um automóvel rápido... A breve trecho, porém, um episódio detinha-me sorrindo: numa travessa fagueada um garoto agitava o casaco esfarrapado diante dum carneiro, à laia de toureiro em frente de um Miura fegoso, arriscando as nádegas e o peito às investidas cruentas. Não lograra ainda saciar-me do chiste desta scena espanhola, quando a meus ouvidos estalou uma pergunta fatídica:

— É republicano?...

Voltei-me num sobressalto de surpresa... Afinal, tratava-se do moço de fretes, ajoelhado ao péso das malas! Ainda bem! Um mundo de conjecturas me atravessava o cérebro. Lembrei-me da incursão da fronteira de França, dos *somatenes*, da Espanha soturna das prisões e dos fossos, dos fuzilamentos e da *Guardia Civil*... Enquanto dava um balanço mental às minhas ideias para com sinceridade e alma ir-depor certamente perante um tribunal militar, inscrevendo-me anonimamente no martirólogo que enobrecera Ferrer, ocorreu-me fugir à imperitância da interrogação com a minha pseudo má compreensão da lingua.

— *Vaya usted adelante!*

O homem das malas, porém, não se movia... E no espanhol mais brando que pôde talhar a sua gutural garganta, perguntou-me candidamente se almoçava no... *Café Republicano!* Ao meu espirito inquieto não souvi ainda bem o nome do restaurante, mas de pronto percebi que entendera a frase apenas desde a sílaba tónica de *Café*...

Aquele pobre diabo que eu ingenuamente considerava um espantinho de qualquer tenebrosa organização de espionagem militarista, não pensava mais do que em cumprir catôlicamente uma das obras de misericórdia: dar de comer a quem tem fome... A imprensa e os seus fantasmas, como diria Lenormand!

Esta certeza, esta prova de solidariedade humana, foi a primeira alegria que tive em terras de Afonso XIII!

De facto, no Café (que fica à beira do *Paseo de Tetuan*) uma dezena de fotografias de republicanos ilustres pende das paredes, e a avaliar pelo bom almoço que me deram, com um Valdepeñas famoso, a república que esses senhores querem é muito pouco barata, mas, em compensação, bastante alimentícia... Segui para Huelva numa *limousine* confortável, através as boas estradas da região que os incolos dizem más, mas que em comparação com as nossas são a maior das maravilhas. A reparação das estradas é assegurada em Espanha pelos chamados *Peones Camiñeros*, que têm suas residências de tantos em tantos quilómetros, por todo o percurso. Estes cantoneiros são encarregados de fiscalizar a via todos os dias, reparando o mínimo desarranjo. Ora desta maneira, muito difícil será chegar-se à necessidade dum reparação importante.

De resto, quando dessa reparação se faz mister, são utilizadas máquinas modernas e processos novos, de forma que no mais curto espaço de tempo está a obra concluída, sem nunca ser lançado nas covas, aliás insignificantes, o cascalho grosso que em Portugal é costume deitar sem saber. A principio a paisagem é idêntica à do Algarve. Arvoredos, casais, manchas de pinhais, decóndo colinas doces, mas pouco-a-pouco a Andaluzia torna-se montanha, com campinas extensas, olivais, montes pelados, povoações miseráveis, tudo debaixo dum luz de ouro que é o encanto de meus olhos. Chego a Huelva cansado da paisagem igual e sem contrastes. O combóio já fuma na *gare*... É a hora da partida! Embarco apressadamente, e de novo a paisagem mediocre se estende diante de mim, naquele lindo fim de tarde, com tufo de eucalyptos a saírem das dobras do terreno, e um ou outro charco reluzindo, cor de prata, entre as sombras do crepúsculo.

O combóio rola nos *rúils* com destino a Sevilla... Dessas três horas de enfado trago apenas a impressão do ruído das sinetas dando as partidas do *tren*, das silhuetas das estações mal alumadas, parecendo tôdas picaras praças de toiros, e dum grunhido andaluza de rapazes e raparigas que, de flores ao peito e nos cabelos, vinham ao combóio acompanhar uns noivos...

# A RELIGIÃO DO RITMO

## A RÍTMICA DE DALCROZE E A SUA MISSÃO

SE as grandes invenções do Século têm do-  
tado a Humanidade de elementos necessá-  
rios a um desenvolvimento progressivo e  
intenso, poucas são as que visam própria-  
mente o interesse do indivíduo como a de E. Ja-  
ques Dalcroze.

Músico, mas acima de tudo pedagogo, Dal-  
croze viu que, tendendo o Progresso ao Triunfo  
absoluto do materialismo, era necessário criar-se  
qualquer coisa que o pudesse compensar, estabe-  
lecendo assim o equilíbrio necessário à vida.

E num prodígio de genialidade e de fé, gerou  
a Religião do Ritmo, pela prática da chamada  
Gimnástica Rítmica, ou simplesmente, Rítmica.

Partindo da observação da natureza humana,  
soube escutar o Ritmo natu-  
ral do ser vivente que nós  
somos e, sob uma base abso-  
lutamente lógica construiu  
o seu sistema, o seu método.

Quasi desconhecido entre  
nós, das ligeiras demonstra-  
ções que têm sido levadas  
a cabo por Miss Cecil Kit-  
kat, a única professora di-  
plomada pelo Instituto Dal-  
croze de Génève que se en-  
contra em Portugal, — tem  
ficado no espírito público a  
impressão de que a Gimnás-  
tica Rítmica de Dalcroze, não  
é mais de que uma sucessão  
de atitudes e movimentos  
que a música acompanha,  
visando o desenvolvimento  
físico da criança ou adulto.

Ora, a Rítmica de Dal-  
croze não limita o seu cam-  
po de acção a um exercício  
físico agradável. Vai mais  
longe. A sua prática des-  
perta a Consciência Rítmica,  
faculdade que, duma manei-  
ra geral, se encontra no in-  
divíduo em estado latente.

Ministrada nas primei-  
ras idades, ela abre à infân-  
cia o caminho da Arte e o  
caminho da Vida. O primei-  
ro, pelo desenvolvimento da sensibilidade como  
factor de ordem estética e intelectual. O segundo,  
pela influência que a metodisação do Ritmo vai  
exercer na psicologia do indivíduo e suas natu-  
rais consequências de ordem e disciplina moral.  
Contribuindo poderosamente para a educação mu-  
sical da criança, a Rítmica de Dalcroze, é, didac-  
ticamente, um solfejo natural.

«Educa o ouvido pela apreciação da diversi-

dade de grãos de intensidade sonora, do dina-  
mismo, da rapidez ou lentidão das sucessões dos  
sons, do timbre, enfim, de tudo quanto sob o nome  
de colorido musical constitui a qualidade expres-  
siva do som», — servindo-nos das próprias palavras  
de Dalcroze, — e estabelece pelo movimento uma  
correlação tão íntima do Ritmo instintivo com o  
que é sugerido pela música, que a sua acção sô-  
bre a imaginação, o temperamento e a inteligên-  
cia não pode deixar de ser profícua.

A Rítmica de Dalcroze está hoje adoptada em  
grande parte das principais cidades da Europa,  
onde existem Institutos fundados, ou pelo pró-  
prio Dalcroze, ou pelos seus discípulos.

Criada há mais de 20 anos, o seu êxito já pode  
avaliar-se pela extraordiná-  
ria frequência que lhes têm.

Hoje, que o problema da  
educação da criança deve  
ter uma importância capital,  
julgamos de interesse para  
os pais o conhecer a função  
pedagógica da Rítmica de  
Dalcroze. É mais uma ino-  
vação no organismo ainda  
assim rotineiro da nossa so-  
ciedade. Se ela tem um obje-  
ctivo de utilidade colectiva,  
porque não havemos de lhe  
dar guarida?

A Civilização não se me-  
de apenas pelas amostras de  
um Vinor Marguerite ou de  
um Claude Farrère. Essas,  
só poderão concorrer para  
um decadentismo estéril.

Tem o seu lado constru-  
tivo e é esse o que mais deve  
interessar a todos os que,  
neste período de evolução, se  
interessam pelo futuro das  
gerações que hão de colher  
o fruto das sementes boas  
ou más que fazemos germi-  
nar na leiva do nosso meio  
social. Quer como exercício  
físico, quer como medida de  
simples alcance pedagógico,  
quer como meio de Educa-

ção Musical, a Rítmica de Dalcroze, em nosso en-  
tender, impõe-se à inteligência do homem de hoje  
como uma das descobertas mais humanas que ten-  
dem a contribuir para a felicidade dos povos.

Ela vai ser praticada em Portugal: e o Tempo  
provará se erramos, no conceito formado sôbre a  
Rítmica de Dalcroze e a sua missão educativa.

PATRICIO ÁLVARES.



E. JAQUES DALCROZE.

# A MULHER ESTREMENHA

POR LUÍS CHAVES

As divisões administrativas raras obedecem ao constitucionalismo regional, — quer no aspecto externo, quer no ponto de vista interno ou etnográfico. Se nos referirmos concretamente à Estremadura, observaremos caracteres próprios e caracteres que o não são: — ao Norte poderá ver-se uma confusão não estranhável com a Beira-Marítima; — a Nordeste, pelo Zézere, uma sobreposição de estremenho ao beirão da Beira-Baixa; — a Este, o Ribatejo prolonga-se para a margem esquerda do Tejo, mas não tão além como de vera de ser; — para o Sul, está incluída na Estremadura Transagana, hoje incluída no distrito de Setúbal, a vasta região meridional, que só administrativamente continua o Ribatejo esquerdenho.

De onde se conclui, para o apontamento do traje, agora em vista, que a Estremadura característica abrange estes três tipos, ao mesmo tempo etnográficos e panorâmicos, isto é, interna e externamente considerados: — a região plana do Norte, a ligar-se pela costa com a Beira-Marítima, de Pombal para baixo, em torno de Leiria e Alcobça, — a *Gândara*; — o vale do Baixo-Tejo, nas planas baixas e inundáveis, a um e outro lado do rio, — o *Ribatejo*; — e as circunzeiras de Lisboa, nestes territórios tectónicos de formação movimentada, que teriam de ser chamadas a constituir a *terra dos çalotos*.

No traje, que define objectivamente a mulher, a Estremadura reparte-se nos tipos correspondentes às três regiões: — a *gandareira*, — a *ribatejana*, a que poderíamos chamar «campina», por paralelismo com a designação da *facies* masculina de indumentaria, — e a *çaloia*.

Invoco dois depoimentos da *gandareira*: um estrangeiro, outro nacional:

1.º — *M.<sup>me</sup> Rattazzi* foi de Lisboa às Caldas, a Alcobça, etc. — via ordinária, evidentemente. — Depois de se referir a que «a vida rústica exerce-se ao ar livre», menciona a impressão que as mulheres lhe deixaram: — *aldeãs com cestos à cabeça, com bilhas de leite nos braços, fazendo meia e parando para dar os bons dias aos compadres...* [*Portugal de Relance*, tradução portuguesa do livro *Le Portugal à vol d'oiseau*, — vol. II, pág. 116.] E logo adiante em Alcobça: «aldeãs de pelle queimada e grandes olhos negros caminhavam alegremente».

2.º — *Eça de Queiroz* descreve a praça de Leiria, às horas da missa, em *O Crime do Padre*

*Amaro* (8.ª ed., pág. 316): — «as mulheres, aos pares, com uma fortuna de grilhões e de corações d'ouro sobre os peitos peçados».

O mercado de Leiria ao Domingo é um museu. Guardadas as proporções a *gandareira* é a minhota do Sul, no pitoresco e colorido como nos tecidos do traje. Serguilhas nas saias rodadas, azuis com barras; corpinhos variegados em que vibra um veludinho de pintura flamenga, e faz ver nas mulheres umas figurinhas escapadas de uma qualquer tábua de Nuno Gonçalves ou Frey Carlos; um chapelinho de forma de pudim, na cabeça; a saia escura, mesmo negra, que serve de capa, ou para o frio ou para cerimónia, como na igreja, ou de visita; chinelas biqueiras nos pés, — aí está o traje mais curioso da Estremadura. Mulher viva, de uma actividade urgente na região rica...

No Ribatejo o pitoresco do traje é superior no homem, que Flalho de Almeida assim descreve em *Os Gatos*: — «calção azul e sapatos d'espóra, matacões e barrete verde ou rubro, plantado esculpturalmente n'uma cella mourisca, com seu xairrel de pella de cabra.» (4.ª ed., vol. IV, pág. 140). A mulher é ao par d'ele uma nota irésca, de côr simpies: panos de loja, que na pujança agrícola nem há labor de tecelagens, e está-se mais cerca da moda de Lisboa, de onde se repartem os figurinos e as cantigas; côres leves; ventailotes curtos, lençaria traçada ao peito, saiotes de uma côr, saias claras.

A *çaloia* teve o seu quindim indumentário. E vê-la nas aguarelas luminosas de Roque Gameiro e de Alberto Sousa, com o seu barrete vistoso em bico, hoje apenas com similar no carapuço da Madeira. Hoje é talvez a mais marafona das mulheres de Portugal: camiseta clara, solta; saia rodada curta, a mostrar os pés dentro de grossas e altas botifarras de atinado; lenço de preferênciã claro, caído, a meter-lhes a cabeça num capuz sem capa. Olhando-nos desconfiada, ela aí passa nas ruas de Lisboa, de trouxa de roupa à cabeça, ou a vender brôas de pão-milho, laranja da China, tremoço çaloio e outras mercancias.

E quem quiser illustração para o conto, não há como folhear o *ensaio bibliographico dos Costumes Portugueses*, editado pelo meu amigo illustre, que é o académico sr. Henrique de Campos Ferreira Lima; folhear e escolher.

LUÍS CHAVES.



— **E** bem simpática esta D. Maria das Dóres, apesar dos seus quarenta anos, e depois, é uma senhora tão religiosa, tão séria! Uma mulher assim é que me convinha!... — monologava Jorge Saldanha, seguindo disfarçadamente com os olhos a *silhoacette* ainda elegante da dona da Pensão onde se hospedara, havia seis meses, e que pressurosa lhe arranjava o quarto.

— «Seria muito grande a diferença de idade, entre eles? Talvez — continuava Jorge, scismando —, mas que importa os vinte anos a mais, duma mulher, para o homem livre das ilusões do amor e habituado a encarar a vida sempre pelo lado prático?»

De resto, a D. Maria das Dóres estava bem conservada e, não obstante já lhe terem aparecido vários cabelos brancos, o seu rosto era liso e macio como o de uma jovem, lendo-se-lhe, por vezes, no olhar a imensa ternura de que ainda era capaz aquele coração de solteira.

Filha de pais muito pobres, tudo quanto ela hoje possuía, tinha sido ganho com o seu trabalho e à força de economias.

— «Mais uma razão para ser estimada», — considerava Jorge.

A mulher que, trabalhando, se tornou numa criatura útil, tem, de facto, mais probabilidades de ser uma boa esposa do que essas frívolas bonéquinhas que passam a vida diante dos espelhos, pondo pó de arroz no nariz, e andam pelas festas à «caça» de noivo rico que lhes sustente os caprichos.

É claro que nem todas as raparigas compartilham das mesmas ideias (digo: *ideias avançadas*), existindo ainda na nossa sociedade meninas que, lá pelo facto de se divertirem ou usarem pó de arroz e todas as espécies de cremes e *bátons*, não deixam de ser virtuosas... Mas como diferenciar umas das outras, se não é costume elas trazerem letrado por onde as possamos reconhecer?...

Assim, sempre que acontecia, ao Jorge, entusiasmar-se com algum «palmito de cara bonita», logo a voz do Bom Senso lhe refrescava o entusiasmo, cantando como na popular canção:

• Cuidado, rapaz,  
Cuidado, muito cuidado!  
Há menina que de tudo é capaz  
• E a fortuna pode não estar a teu lado,  
Rapaz, cuidado! A', cuidado, rapaz! •

— Vamos, sr. Jorge, acorde, que a manhã já vai alta e o cafézinho arrefece! — exclamava a D. Maria das Dóres ao entrar no quarto do hóspede com o *petit-déjeuner* na bandeja. — Sabe que lhe trago umas torradinhas deliciosas, com muita manteiga, de ambos os lados? — tornava a boa senhora, sem conseguir despertá-lo. E depois, lastimando-se: — Ai, este rapaz é os meus pecados! Se isto é lá vida, passar a noite inteira a estudar com o candieiro aceso, em riscos de pegar fogo no prédio, e todo o dia a dormir! O' homem de Deus, acorde!...

E era assim sempre uma tragédia para arrantar da cama este nosso dorminhoco amigo. Oh! que paciência não precisam as donas das Pensões! Que paciência não precisava a D. Maria das Dóres!...

M  
A  
R  
I  
A  
R  
O  
S  
A

# ≡ U M ≡ CONTO

POR

G  
•  
D  
A  
S  
I  
L  
V  
A

Naquela manhã, porém, nada disto aconteceu. A simpática hospedeira, visivelmente preocupada, aguardava em silêncio que Jorge acabasse de tomar o café, quando este, surpreso, lhe perguntou:

— Oh lá, D. Maria, a senhora está doente?! Vejo-a hoje tão enlada... .

Ao que ela respondeu, num sorriso triste:

— Doente, eu? Que ideia, sr. Jorge! Eu o que estou é... — (e depois, como tomada de uma resolução) — Olhe, sr. Jorge, isto custa-me muito ter que lhe dizer, porque bem sei que lhe vou causar grande transtorno, mas quanto mais tarde lho disser pior... Sabe? Estou resolvida a trespassar a Pensão! É verdade, sr. Jorge, eu desde há muito que tinha vontade de ir para a minha terra descansar, porque, como vê, já não

estou nada nova e amanhã posso cair aí numa cama doente sem ter ninguém que me chegue um copo de água à boca; mas faltavam-me os meios para viver sem trabalhar, embora lá na minha terra, onde tudo é barato. Afinal, ontem, aqui o vizinho do lado — conhece, o pai da pequena que namora o oficial? — veio oferecer-me 30 contos de trespasse, se eu lhe cedesse a casa para a filha que vai casar! Escusado será dizer-lhe que agarrei logo com unhas e dentes a proposta — a minha independência! — só me faltando agora assinar o contrato e... receber a massa.

Um raio que caísse aos pés de Jorge, não o teria, de certo, impressionado tanto, como esta novidade, assim dada de chofre, ao levantar da cama, qual duche de água fria...

E ele pôs-se então a pensar no que seria, dali para o futuro, a sua triste vida, a correr com malas e bagagens de Pensão para Pensão, não podendo ficar nesta por haver pouco asseio e naqueloutra por lhe roubarem tudo ou não ser uma casa de respeito, etc., etc.

— «Ainda se ele tivesse algum amigo, com quem pudesse ir viver! — A sua mãe, a sua irmã ou uma noiva... Uma noiva!...»

Esta ideia criava raízes no cérebro de Jorge, que se deixou ficar para ali a scismar, passando em revista as raparigas suas conhecidas, sem se atrever, contudo, a fazer uma escolha. E que ele, o homem pacato, arreceava-se de todas elas — meninas ultra-modernas, candidatas ao divórcio! Até que por fim, tomado de uma resolução, Jorge se voltou para a hospedeira, declarando num tom de quem não admitia réplicas:

— A sr.<sup>a</sup> D. Maria das Dóres não trespassa a Pensão, nem vai morar para a terra, porque... casa comigo.

E como a boa da senhora o olhasse sem compreender, ele ajuntou, pausadamente:

— Sim, minha senhora, está pedida em casamento.

Passados seis meses, na pequenina igreja do Socorro, tinha-se realizado o enlace.

— E depois? — perguntei eu à minha amiga, sem compreender o motivo que a levou a contar esta história.

— Depois? Mais nada — voltou ela impassível.

— Ora essa! — exclamei eu, fora de mim. — Mas então aonde é que está o «extraordinário» da história que me prometeu?

— O extraordinário está em que eles foram muito felizes e não se divorciaram... — explicou a minha amiga, fazendo-me uma careta!



# INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

## Física e Rítmica

Ginnástica médica,  
respiratória e educativa.  
Rítmica e Arte da Dança

**ASSISTENTE MÉDICA:** Doutora D. Palmira Lindo, Médica diplomada com o Curso Normal de Educação Física pela  
: : : : : : Universidade de Lisbôa. : : : : : :

**SECRETARIA:** D. Arminda Rumina.

Professoras estrangeiras diplomadas por Escolas de reconhecida probidade.

Rua Primeiro de Dezembro, 101, 2.º-E.

LISBOA — Telefone Trindade 2009.

# “STUDBAKER,,

E' a marca que deve escolher para seu automôvel

# CAMIONETTE “MANCHESTER,,

TODA DE FABRICAÇÃO INGLESA

DOIS MODELOS — A e B

1500 a 2000 K.<sup>os</sup> (incl. a carroserie)

2000 a 2500 K.<sup>os</sup> ( " " " )

MOTOR — 4 cilindros, 3 apoios  
LUBRIFICAÇÃO — por bomba com compressão e manómetro  
CARBURADOR — Stromberg ou Zenith  
} MOLAS — tipo A, à frente 7 folhas, atrás 9 folhas  
}            B,            8            10  
} PNEUS — A, 30×5 de alta pressão  
}            B, 32×6

C. Santos, L.<sup>da</sup>

LISBOA — RUA DO CRUCIFIXO, 55 A 59